

nara roesler

giros e afetos

curadoria luis pérez-oramas
núcleo curatorial nara roesler

amelia toledo
angelo venosa
antonio dias
brígida baltar
cao guimarães
carlito carvalhosa
carlos zílio
cristina canale
daniel senise
fabio miguez

josé claudio
karin lambrecht
leda catunda
leonilson
marcos chaves
paulo bruscky
rodrigo andrade
sérgio sister
tomie ohtake
vik muniz

abertura

31 de outubro, 2024

exposição

31 de out, 2024 – 18 de jan, 2025

giros e afetos curadoria luis pérez-oramas núcleo curatorial nara roesler

A Nara Roesler São Paulo tem o prazer de apresentar *Giros e Afetos: Arte brasileira 1983-1995*, com curadoria de Luis Pérez-Oramas, que reúne 37 trabalhos de 18 artistas desse período: Amelia Toledo, Angelo Venosa, Antonio Dias, Carlito Carvalhosa, Carlos Zílio, Cristina Canale, Brígida Baltar, Daniel Senise, Fabio Miguez, José Claudio, Karin Lambrecht, Leda Catunda, Leonilson, Marcos Chaves, Paulo Bruscky, Sérgio Sister, Tomie Ohtake e Vik Muniz.

Embora esse período na arte brasileira tenha sido marcado por um ressurgimento da pintura, em especial por meio da chamada Geração 80, a mostra apresenta trabalhos em diferentes linguagens, como aquarelas, desenhos, esculturas e bordados. Um elemento que chama a atenção em alguns trabalhos é, por exemplo, a influência do Neo Expressionismo alemão, visível nas pinturas de Fábio Miguez e Carlito Carvalhosa, durante o período em que ambos trabalhavam juntos no Ateliê Casa 7. O colorido escuro e a presença de elementos de aspecto cartunesco eram característicos de nomes que lhes serviam de referência, como Markus Lupertz, Philip Guston e Jean Michel Basquiat. Referências a natureza também podem ser observadas em alguns trabalhos da mostra, como o de Antonio Dias, datado do início dos anos 1990, no qual emprega materiais como grafite, cobre e malaquita, de forma a investigar circuitos energéticos, e no de Angelo Venosa, de 1994, onde realiza experimentos plásticos com dentes de boi e chumbo. No campo das abstrações, os principais pontos da mostra são as experimentações formais e cromáticas realizadas por Tomie Ohtake e Amelia Toledo. Enquanto a primeira passou a executar trabalhos misturando

tinta acrílica e água, produzindo pinturas de aspecto nebuloso e sugestivo, a segunda retomou a prática pictórica depois de um longo período de tempo, explorando o cromatismo e a relação com o suporte.

Nas palavras de Luis Pérez-Oramas: “Entre voltas e afetos, mesmo compartilhando o mesmo momento histórico, mesmo aparentemente idênticos, os artistas e suas obras são únicos e irrepetíveis, e cada um deles inaugura uma temporalidade específica, uma heterocronia onde se conjugam exclusão e afeto, memória e mente”.

Amelia Toledo
Virgula, 1988 / 2022
chapa de ferro pintada
2/5 + 2 PA
120 x 160 x 60 cm



Amelia Toledo
série *Ideogramas*
do *Acaso*, 1988
aquarela sobre papel
32 x 41 cm



Amelia Toledo 1988
S. "Ideogramas do acaso"

Amelia Toledo
série Ideogramas
do Acaso, 1988
aquarela sobre papel
32 x 41 cm





[mais sobre amelia toledo →](#)

Angelo Venosa
Sem título, 1990
cera e dentes
53 x 53 x 4 cm



[mais sobre angelo venosa →](#)

Antonio Dias
Sem título, 1986
técnica mista sobre tela
77,5 x 92,3 x 3 cm

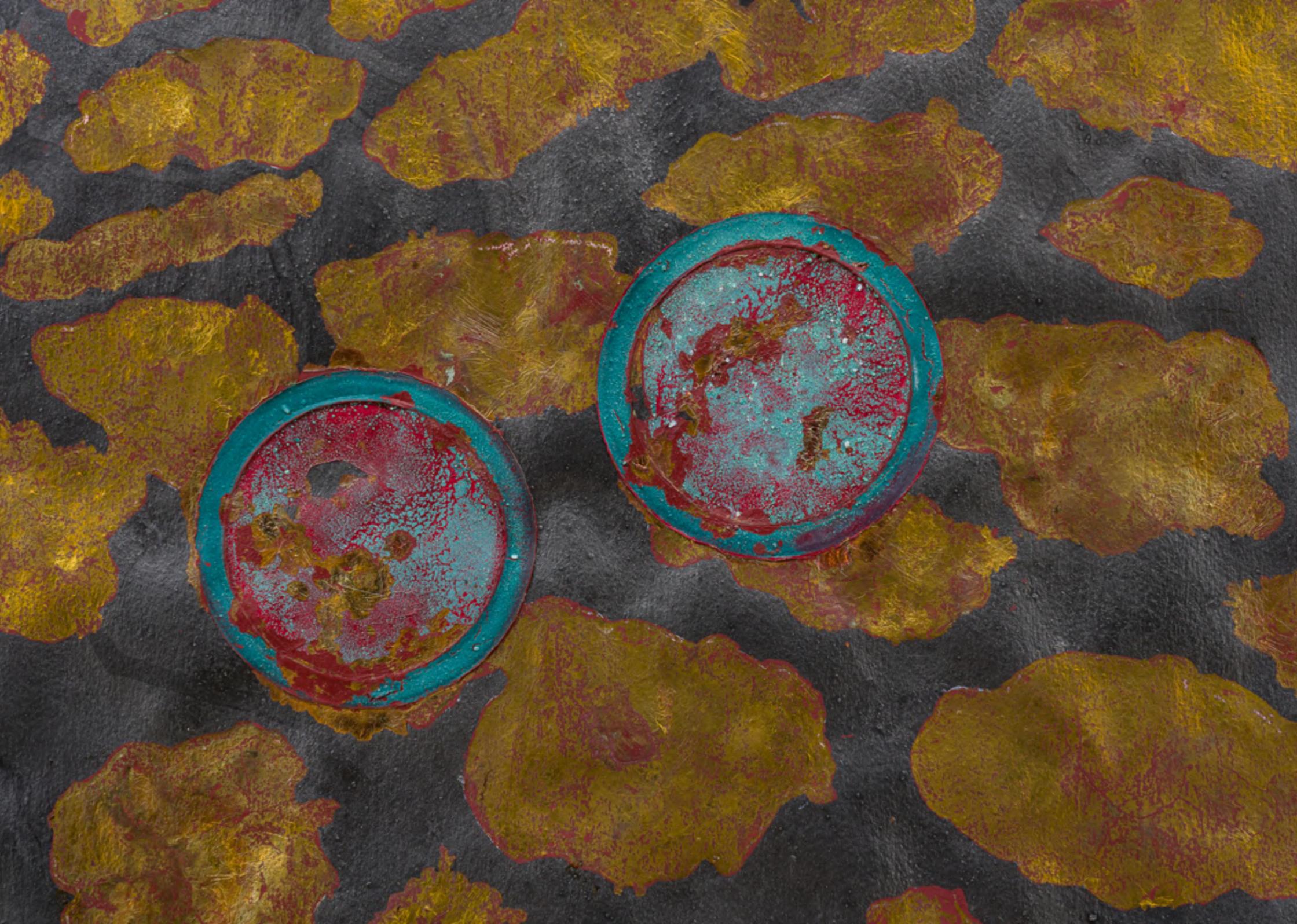




Antonio Dias
Sem título, early 1990's
grafite, cobre, malaquita e
ouro composto sobre papel
76 x 112 cm (díptico)



[mais sobre antonio dias →](#)



Brígida Baltar
Vênus, 1995
tijolo esculpido
23 x 9,5 x 7 cm



[mais sobre brígida baltar →](#)



Carlito Carvalhosa
O ventilador, 1987
tinta óleo sobre tela
110 x 130 cm





Carlito Carvalhosa
Sem título, 1987
encáustica sobre tela
190 x 230 x 3 cm





[mais sobre carlito carvalhosa →](#)

Cristina Canale
Viva Brasil viva, 1991
tinta óleo sobre tela
210 x 250 cm





Cristina Canale
Queda, 1990
técnica mista sobre tela
250 x 115 cm



mais sobre cristina canale →





Daniel Senise
Todo lo que existe, 1989/1991
técnica mista sobre cretone
382 x 218 cm

[mais sobre daniel senise →](#)



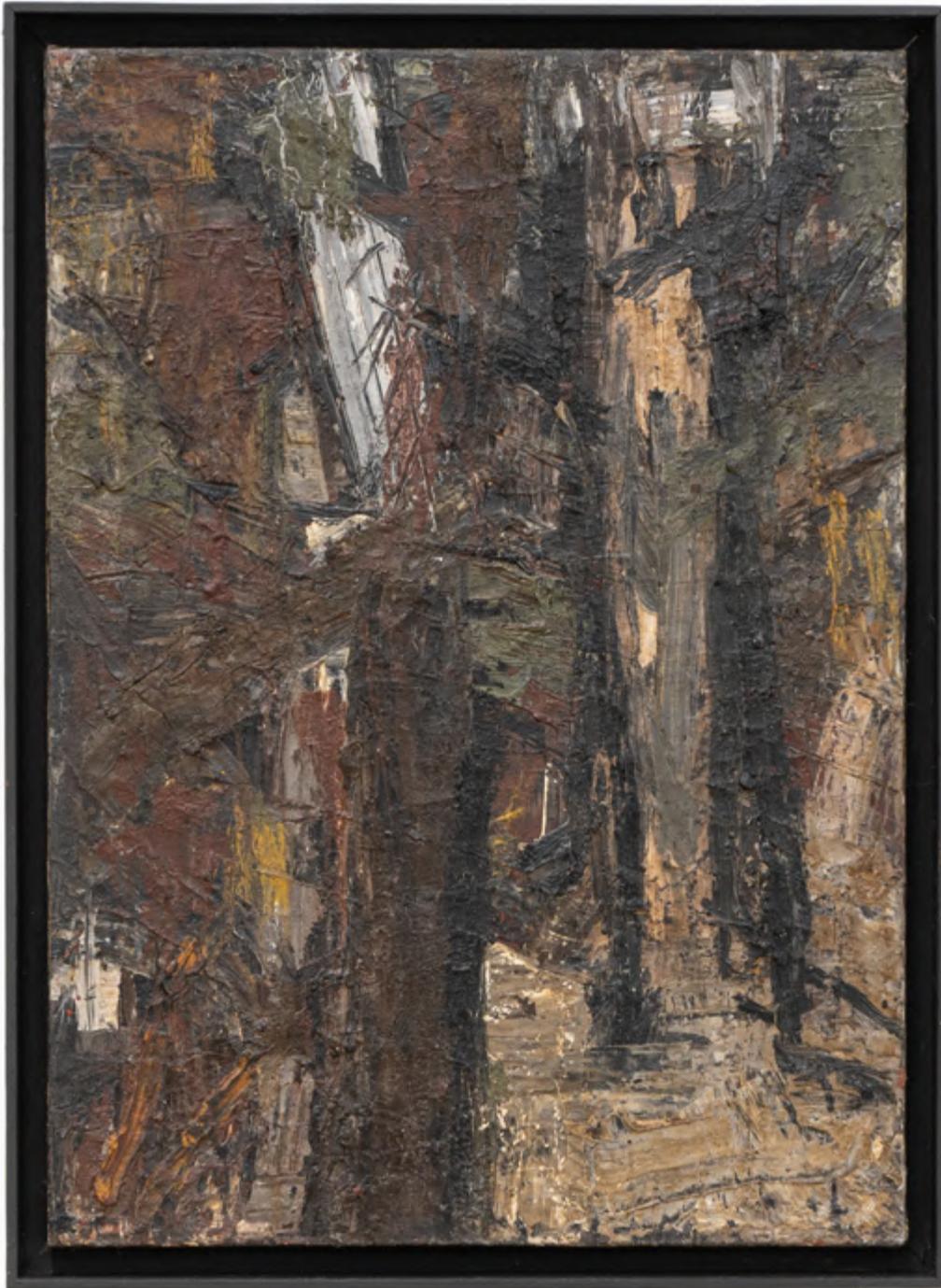
Fabio Miguez
Paisagem, 1984
óleo sobre tela
130 x 110,5 cm







Fabio Miguez
Sem título, 1985
óleo sobre tela
180 x 160 cm

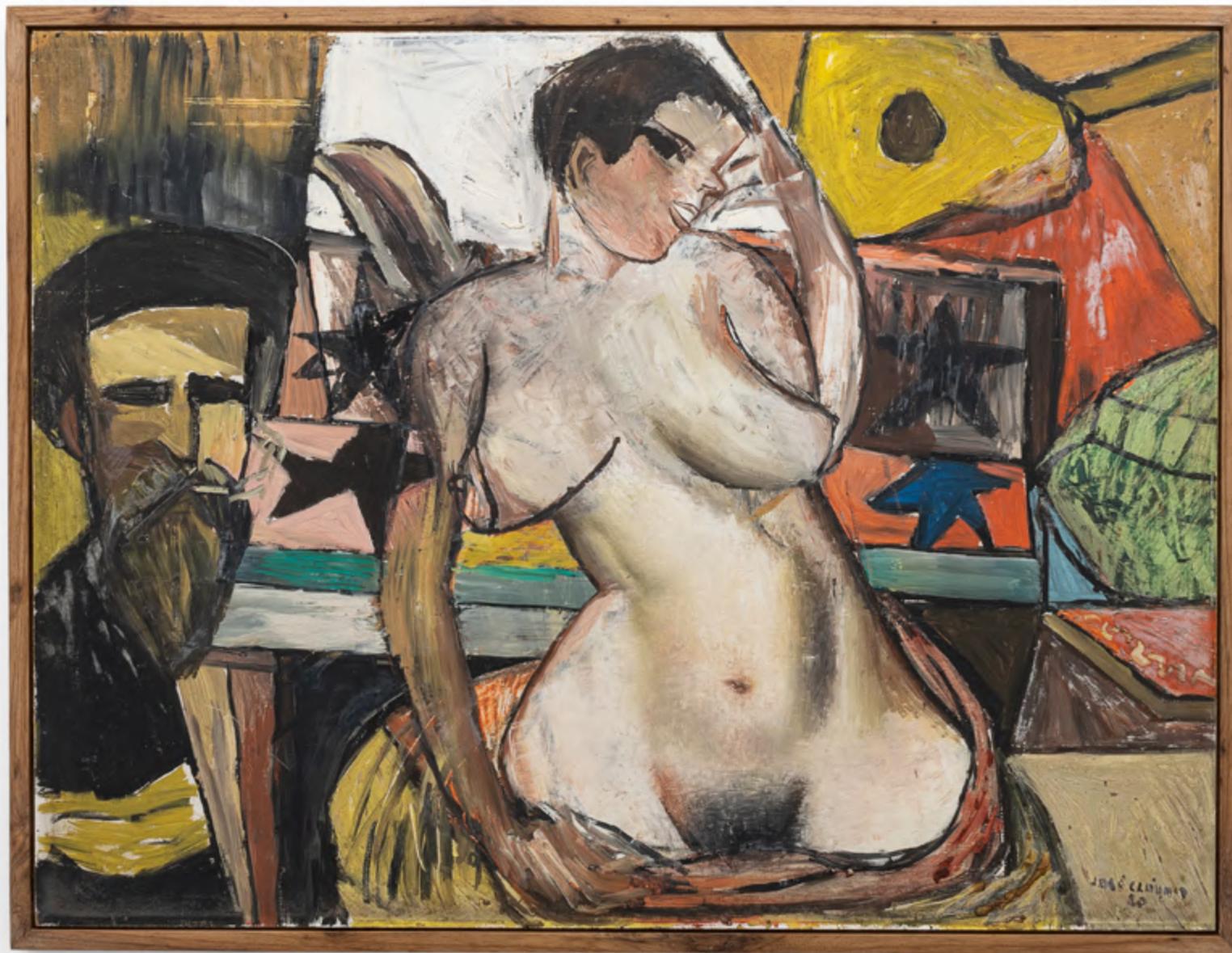


Fabio Miguez
Sem título, 1985
tinta óleo sobre tela
64,5 x 47 x 2,5 cm

[mais sobre fabio miguez →](#)



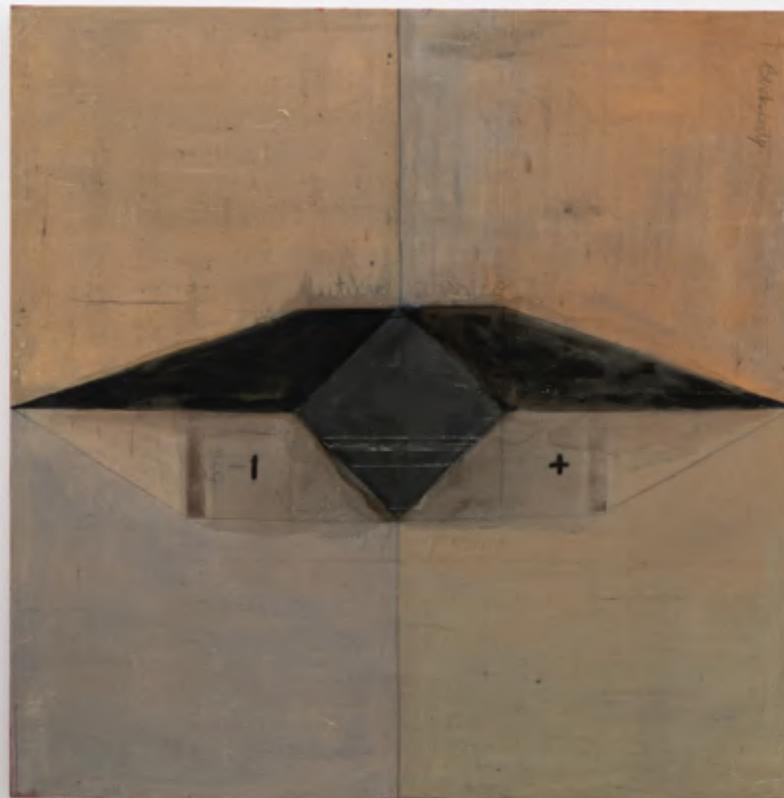
José Cláudio
Sem título, 1980
tinta óleo sobre eucatex
91 x 122 cm





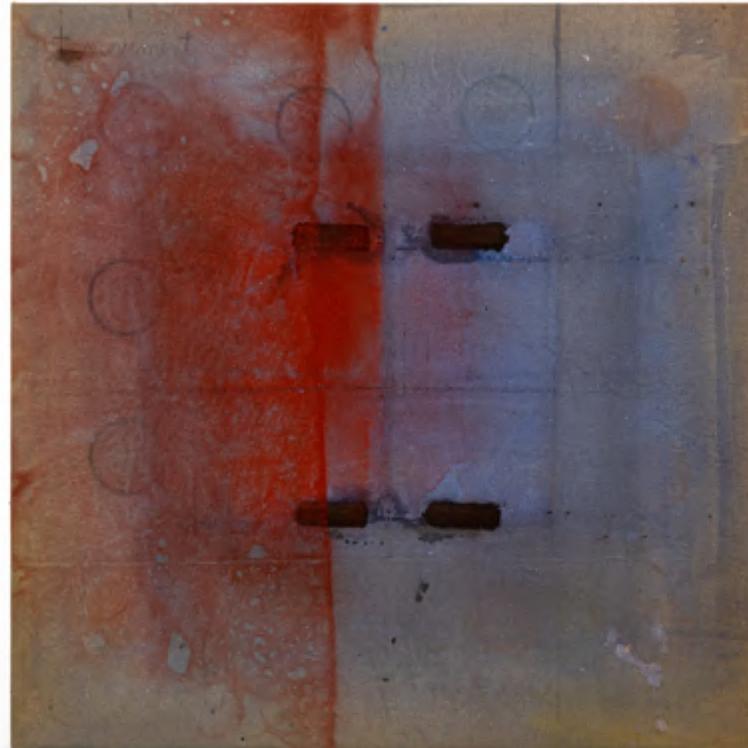
[mais sobre josé cláudio →](#)

Karin Lambrecht
Futuro, passado, 1990
pigmentos em meio acrílico,
cinzas e carvão sobre tela
151,1 x 150,8 x 4,4 cm





Karin Lambrecht
Sem título, 1993
pigmentos em meio
acrílico sobre tela
84 x 85 x 3 cm



mais sobre karin lambrecht→





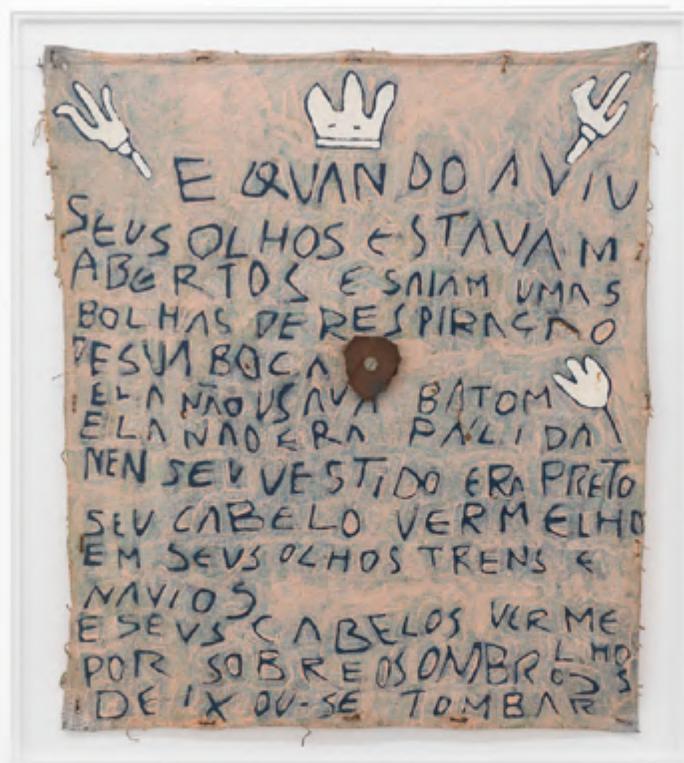
Leda Catunda
Besouro III, 1995
acrílica sobre algodão
preparado, espuma
80 x 68 cm



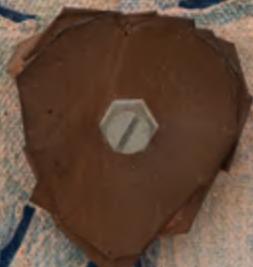
mais sobre leda catunda →



Leonilson
Sem título, 1988
tinta acrílica sobre tela
52 x 47 cm



E QUANDO A VIU
SEUS OLHOS ESTAVAM
ABERTOS E SAÍAM UMAS
BOLHAS DE RESPIRAÇÃO
DE SUA BOCA
ELA NÃO USAVA BATOM
ELA NÃO ERA PALIDA



Leonilson
Sem título, 1986
tinta acrílica e bordado sobre lona
46 x 165 cm





Leonilson
Com a boca vermelha, 1988
tinta acrílica sobre tela
55 x 40 cm



[mais sobre leonilson →](#)



E E L E S N A O

V I R A M

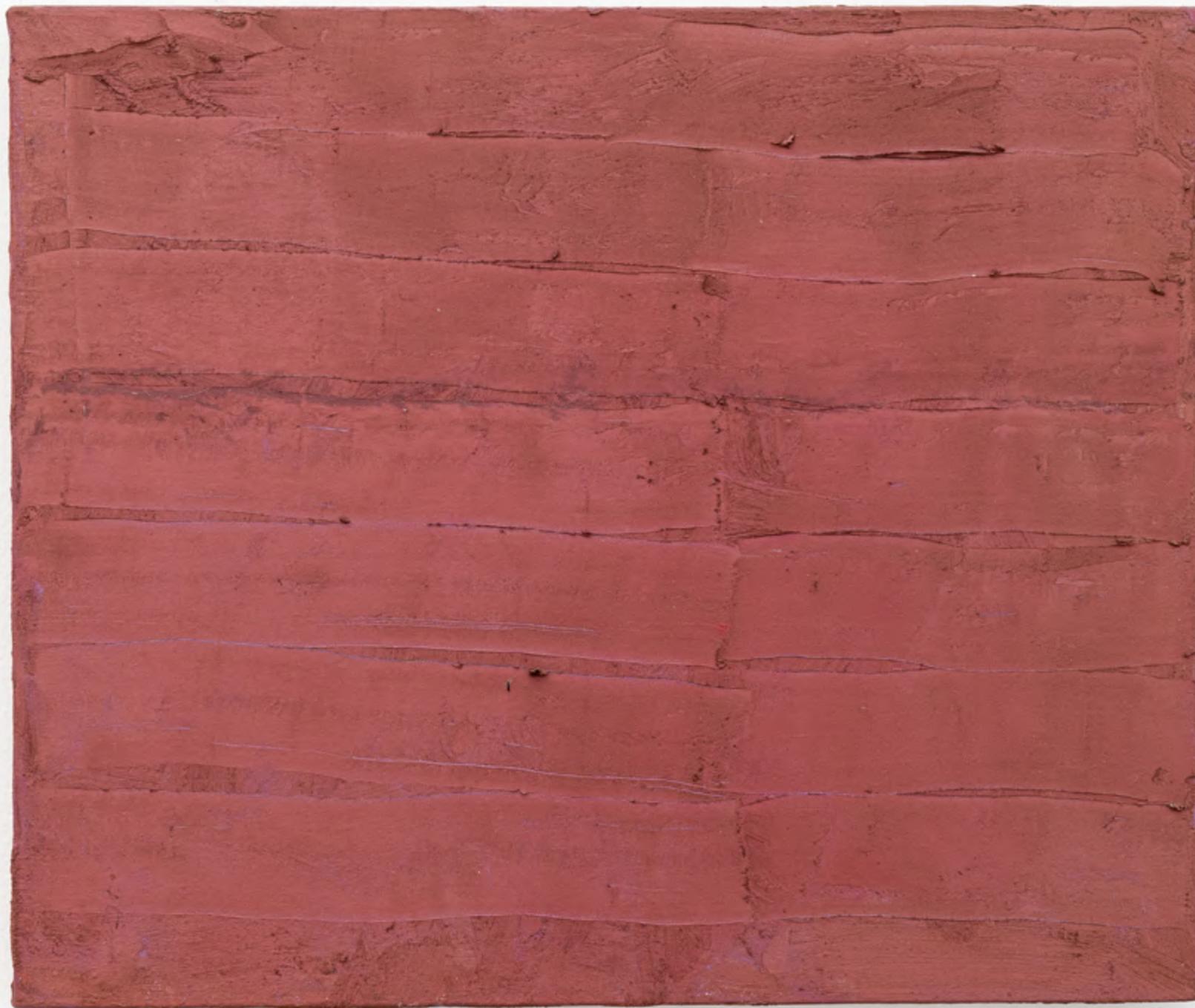
Q U E
C O R

E L A
R I A

Marcos Chaves
115 x 9 cm / 115 x 9 mm, 1987
madeira
115 x 9 cm | 11,5 x 0,9 cm



mais sobre marcos chaves →



Sérgio Sister
Sem título, 1991
tinta óleo sobre tela
50 x 60 cm



Sérgio Sister
33 x 33, 1990
tinta óleo sobre tela
68,5 x 33 x 2 cm



[mais sobre sérgio sister →](#)





Tomie Ohtake
Sem título, 1990
tinta acrílica sobre tela
70 x 70 x 3,5 cm

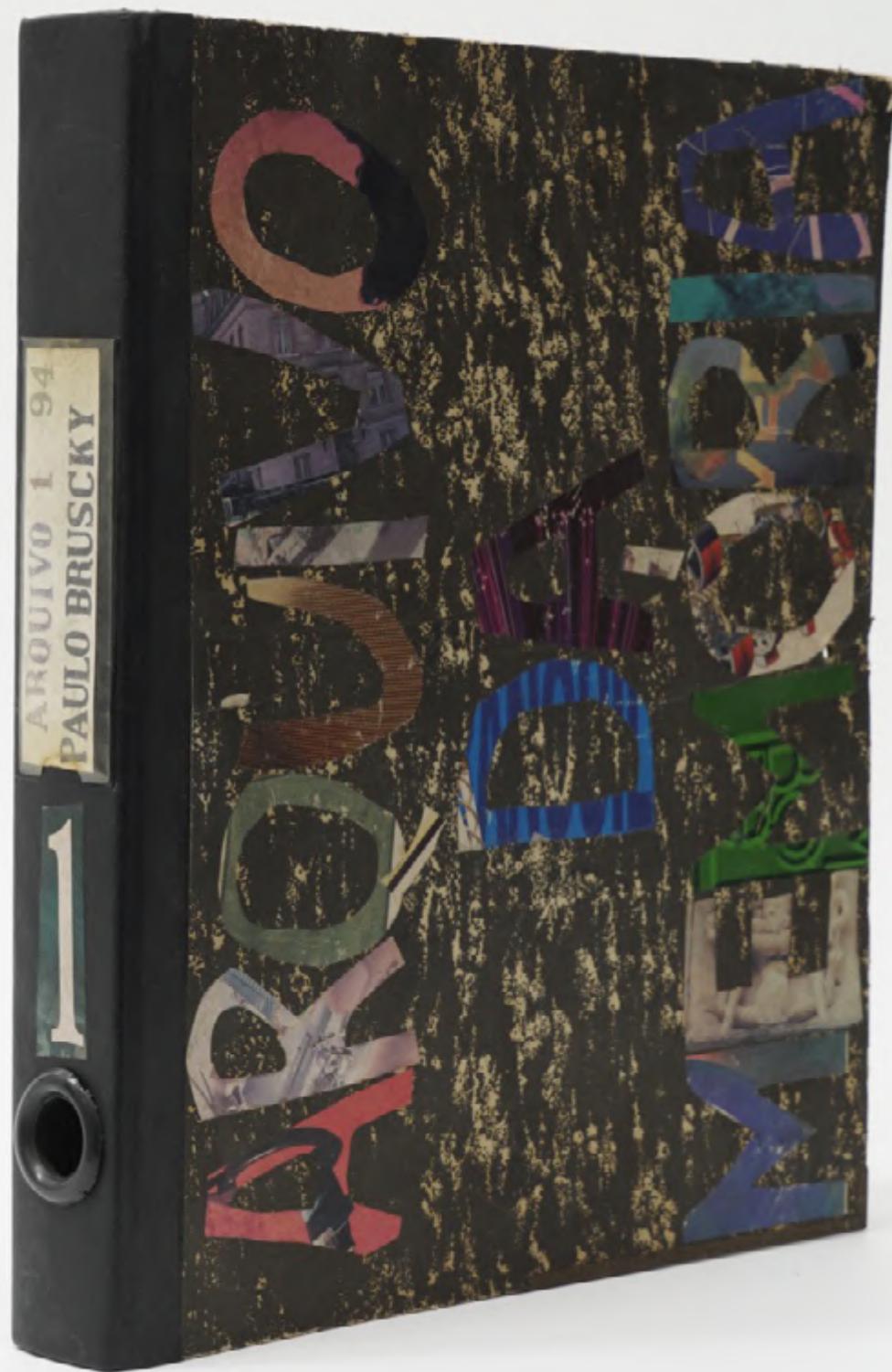
[mais sobre tomie ohtake →](#)

Vik Muniz
Two nails, 1987/2016
impressão inkjet em papel
archival e prego
exhibition copy
40 x 27 cm



[mais sobre vik muniz →](#)

Paulo Bruscky
Arquivo da memória 1, 1994
colagem de objetos em fichário
35 x 29 x 5 cm



[mais sobre paulo bruscky→](#)

Cao Guimarães
Retroatos # 06mm, 1989/2016
impressão jato de tinta
sobre papel de algodão
110 x 82,5 cm



mais sobre cao guimarães →

amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil

m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasileana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

[← voltar para obras](#)

angelo venosa

n. 1954, São Paulo, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

No início da década de 1970 frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. Em 1974, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ). Na década de 1980, assiste a cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, epicentro da chamada “Geração 80”. Venosa se distingue de grande parte dos artistas de sua geração, marcada pela retomada da pintura, por ter se dedicado à escultura. Seus trabalhos em madeira, envoltos por tecido, resina e fibra de vidro, ou compostos por cera de abelha e dentes, evocam volumes incomuns, fundando uma temporalidade ambígua, emanando referências a eras ancestrais. Essa sensação se amplia pela tensão entre as formas e os materiais empregados.

Sobre seus trabalhos, sintetiza o crítico Lorenzo Mammi: “Ainda mais adequado, talvez, para comentar essas obras, seja um trecho de *A montanha mágica*, de Thomas Mann: “O que era, então, a vida?... era uma febre da matéria... Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d’água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco.”

“A precisão técnica da análise e o prazer artesanal da construção, sempre presentes nos trabalhos de Venosa, concorrem para construir não um objeto, mas um corpo, com todas as ressonâncias de alheamento e ameaça que esse termo possa ter. A mosca acaba incorporando a máquina, ou vice versa, no entanto, no resultado final, a vida permanece como um ruído surdo, irreduzível, inquietante.”

[clique para ver o cv completo](#)

[← voltar para obras](#)

exposições individuais selecionadas

- *Angelo Venosa, Nara Roesler*, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Angelo Venosa, Nara Roesler*, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- Projeto Clareira, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2021), São Paulo, Brasil
- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife (2014); Palácio das Artes, Belo Horizonte (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2013); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)
- *MAM 60*, Oca, São Paulo, Brasil (2008)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 45ª Bienal de Veneza, Itália (1993)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano ‘Arte Povera’, entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

[← voltar para obras](#)

brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil
m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

[clique para ver o cv completo](#)

[← voltar para obras](#)

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Brigida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brigida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Terra abrecaminhos*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

carlito carvalhosa

n. 1961, São Paulo, Brasil

m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Matter as Image. Works from 1987 to 2021*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Sensory Poetics: Collecting Abstraction*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
- *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
- 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
- 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

coleções selecionadas

- Salomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

cristina canale

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Cristina Canale, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2024)*
- *A Casa e o Sopro, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2024)*
- *Memento Vivere*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *The Encounter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

exposições coletivas selecionadas

- *Conversas entre coleções, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)*
- *Co/respondencias: Brasil e exterior*, Nara Roesler, New York, USA (2023)
- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft, Lichthof – Auswärtiges Amt*, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum No Hero, Delden, Países Baixos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Hall Art Foundation, Reading, EUA
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

daniel senise

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Biógrafo: Daniel Senise*, Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2023)
- *Verônica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Todos os Santos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2009)
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)
- Museu de Arte Contemporâneo, Monterrey, México (1994)
- Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

exposições coletivas selecionadas

- 18ª, 20ª, 24ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985, 1989, 1998, 2010)
- 11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011)
- 44ª Bienal de Veneza, Itália (1990)
- 2ª Bienal de La Habana, Havana, Cuba (1986)

coleções selecionadas

- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

← voltar para obras

fabio miguez

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem zero* (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinao os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série *Atalhos*, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série *Volpi*, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos)* – Fábio Miguez, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Alfredo Volpi & Fábio Miguez: Alvenarias*, Gladstone 64, Nova York, EUA (2023)
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7, Pivô*, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

josé cláudio

n. 1932, Ipojuca, Brasil

m. 2023, Recife, Brasil

Ao longo de setenta anos de carreira, José Cláudio (Ipojuca, 1932) constituiu um legado para a arte brasileira da segunda metade do século XX. Artista múltiplo, com trabalhos em pintura, desenho, gravura e escultura, José Cláudio também atuou como crítico de arte e escritor. O prolífico trabalho do artista e intelectual teve início no Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife (SAMR), em 1952, ao lado de Abelardo da Hora (1924–2014), seu fundador, e Gilvan Samico (1928–2013), entre outros. O convívio intenso com os artistas de sua geração, não só no Recife, mas em outras cidades brasileiras, como Mário Cravo Júnior (1923–2018) e Carybé (1911–1997) em Salvador, e Di Cavalcanti (1897–1976) e Lívio Abramo (1903–1992) em São Paulo, assim como a bolsa de estudos em Roma concedida pela Fundação Rotelini, fizeram da década de 1950, um período intenso de aprendizado, trocas e experimentação para o artista.

“José Cláudio é figurativista desde sempre, e pratica uma arte em que a emoção primeira sequer permite ou admite emendas e correções”, afirmou o crítico e historiador da arte José Roberto Teixeira Leite, que continua: “Expressionista, fazendo uso de um desenho rigoroso, de uma pincelada larga e espontânea de um colorido profundo, do ponto de vista da temática José Cláudio debruçou-se sobre cenas e tipos regionais, sobre os costumes regionais e sobre a paisagem, as aves e as frutas do seu Nordeste, despojando-as, porém, de qualquer conteúdo pitoresco, para apenas se concentrar em sua expressão pictórica.”

José Cláudio integrou o movimento Poema/processo (1967–1972), com sua icônica série *Carimbos*, imagens feitas a partir da composição modular das imagens escavadas em borrachas. Em 1975, José Cláudio participou de viagem à Amazônia organizada pelo Museu de Zoologia da USP, realizando uma centena de trabalhos reunidos no livro “100 telas, 60 dias e um diário de viagem”. Em 1980, o artista se debruça sobre o quadro *O Repouso do Modelo*, de Almeida Júnior (1850–1899), criando uma série de pinturas que reinterpreta o tema.

exposições individuais selecionadas

- *José Cláudio: uma trajetória*, Nara Roesler São Paulo, Brazil ((2022)
- *Carimbos*, Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2017)
- *100 telas, 60 dias e um diário de Viagem, Amazonas 1975*, Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil (2009)
- Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), Recife, Brasil (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *Experimentando Pernambuco Experimental*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Almeida Júnior: Um artista revisitado*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2000)
- *A mão afro-brasileira*, Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1988)
- 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1957, 1959, 1961, 1963 e 1985)
- 1º, 3º, 14º e 23º Panorama de Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1969, 1971, 1983 e 1993)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil
- Palácio do Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

← voltar para obra

karin lambrecht

n. 1957, Porto Alegre, Brasil

vive e trabalha em Broadstairs, Reino Unido

Toda a produção de Karin Lambrecht em pintura, desenho, gravura e escultura demonstra uma multifacetada preocupação com as relações entre arte e vida, compreendida em sentido abrangente: trata-se de vida natural, vida cultural e vida interior. Para o pesquisador Miguel Chaia, os processos técnico e intelectual de Lambrecht se inter-relacionam e se mantêm evidentes nas obras para criar uma “visualidade espalhada na superfície e direcionada para a exterioridade”. Seu trabalho é ação que funde corpo e pensamento, vida e finitude.

No início da carreira, Lambrecht repensou a tela e a forma de pintar, em alguns trabalhos ela elimina o chassi, costura tecidos, e usa retalhos chamuscados. A abstração gestual, característica da “Geração 80”, da qual fez parte, possui papel central em seus trabalhos. Sua prática expande a noção tradicional de pintura e estabelece diálogos entre Arte Povera e Joseph Beuys, entre aspectos políticos, mas também materiais. Os volumes pesam como corpos, as delimitações ou negações do espaço dialogam com a escala que seus trabalhos assumem. A partir da década de 1990, a artista inclui materiais orgânicos em suas telas, como terra e sangue, o que determinou, em alguma medida, o repertório cromático que aparece então. Além do sangue animal, são elementos recorrentes em seu trabalho as formas cruciformes e as referências ao corpo, índices de diferentes níveis de identificação do espectador com a obra.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Seasons of the Soul*, Rothko Museum, Daugavpils, Letonia (2024)
- *Seasons of the Soul*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Karin Lambrecht – Entre nós uma passagem*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Karin Lambrecht – Assim assim*, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Nem eu, nem tu: Nós*, Espaço Cultural Santander, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Acervo em transformação: Doações recentes*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Alegria: A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *O espírito de cada época*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2015)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)
- *Violência e paixão*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil; Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002)
- 4ª Bienal de Havana, Cuba (1992)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Ludwig Forum fur Internationale Kunst, Aachen, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

← voltar para obra

leda catunda

n. 1961, São Paulo, Brasil

Vive e trabalha em São Paulo, Brasil

O trabalho de Leda Catunda busca elaborar, por meio da pintura, imagens presentes no dia a dia, em especial aquelas fortemente estimulantes, presentes nas estampas dos tecidos, na fotografia publicitária, em materiais domésticos e outros. Seus trabalhos se destacam por seu colorido intenso e sua aparência muitas vezes kitsch, repleta de estímulos visuais. Combinando formas já preexistentes dos suportes e materiais com os quais trabalha, com a gestualidade pictórica, Catunda foi um nome importante para ajudar a consolidar na arte brasileira a ideia de pintura expandida.

Ainda que lide com material predominantemente industrial e produzido em massa, muitos de seus trabalhos fazem alusão a elementos presentes na natureza, como partes do corpo, insetos e plantas. Pelo fato de trabalhar muito com tecidos, é característico de seus trabalhos um aspecto mole, que se assemelha com o universo orgânico.

exposições individuais selecionadas

- *Paisagem Selvagem*, Carpintaria, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Leda Catunda: EUFORIA*, ICA Milano, Milão, Itália (2023)
- *Leda Catunda & Alejandra Seeber*, Museo de Arte Latinoamericano (MALBA), Buenos Aires, Argentina (2021)
- *I Love You Baby*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás: Artes Visuais e anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *El Dorado*, Fundación Proa, Buenos Aires, Argentina (2023)
- *Re-Materialized: The stuff that matters*, Kaufmann Repetto, Milão, Itália (2023)
- *Utopias e Distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- The Cleveland Museum of Art, Cleveland, EUA
- Fundación ARCO, Santiago de Compostela, Espanha
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

[← voltar para obra](#)

leonilson

n. 1957, Fortaleza, Brasil

m. 1993, São Paulo, Brasil

Um dos principais nomes da chamada Geração 80, conjunto de artistas que retomou a pintura no Brasil por uma chave expressiva na década de 1980, José Leonilson concentra praticamente toda a sua produção ao longo dos últimos dez anos de sua vida. Influenciado por artistas como Antonio Dias e Keith Haring, num primeiro momento sua produção se destaca por um conteúdo de aspecto pop, com colorido vibrante e personagens e temas de aspecto cartunesco ou oriundos do Grafitti. Como era característico de seus contemporâneos, seus trabalhos não possuíam chassi, conferindo certa informalidade e liberdade para suas criações.

Ao final da década de 1980, sua poética começa a assumir novos direcionamentos. De caráter mais intimista, passa a incorporar em seus trabalhos palavras, elementos gráficos e signos corporais. A partir de 1989, influenciado pela produção de Arthur Bispo do Rosário, incorpora em seu trabalho o bordado e a costura, expandindo assim suas linguagens e possibilidades expressivas. O elemento autobiográfico se acentua ainda mais quando o artista se descobre como portador do vírus HIV. Se no início de sua trajetória seus trabalhos são executados em grandes formatos, a partir desse momento se tornam cada vez mais diminutos, singelos e construídos com grande economia visual.

exposições individuais selecionadas

- *Leonilson: Agora e as Oportunidades*. Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2024)
- *Leonilson: Corpo Político, Almeida e Dale*, São Paulo, Brasil (2023)
- *Leonilson Drawn 1975-1993*, Museu Serralves, Porto, Portugal (2022)
- *Leonilson Drawn 1975-1993*, KW Institute for Contemporary Art, Berlim, Alemanha (2021)
- *Sob o Peso dos meus Amores*, Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Leonilson e a Geração 80*, Pinakothke, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *A Coleção Imaginária de Paulo Kuczynski*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2023)
- *Bispo do Rosário - Eu vim: Aparição, Impregnação e Impacto*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2022)
- *Visions of Brazil: Reimagining Modernity from Tarsila to Sonia*, Blum & Poe, Nova York, EUA (2019)
- *Histórias da Sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)

coleções selecionadas

- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Centre George Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museu Serralves, Porto, Portugal
- Museu de Arte Moderna (MAM), São Paulo, Brasil
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

[← voltar para obra](#)

marcos chaves

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de fotografias, instalações, vídeos, palavras e sons.

Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico.

Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Marcos Chaves: as imagens que nos contam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Marcos Chaves no MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Eu só vendo a vista*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)
- *Logradouro*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias Brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988–2018)*, Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011)
- *Manifesta 7*, Bolzano, Itália (2007)
- *All About Laughter – Humour in Contemporary Art*, Mori Art Museum, Tóquio (2006)
- 1ª e 4ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália
- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

sérgio sister

n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Pintura entre frestas e cavidades*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Pintura e vínculo*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nympe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2020)
- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
- *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
- *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2018)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

← voltar para obra

tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Sua carreira como artista plástica começou aos 37 anos, quando passou a integrar o Grupo Seibi, que reunia artistas descendentes de japoneses. No final da década de 1950, após uma fase inicial voltada para estudos figurativos em pintura, passou a explorar o abstrato. Durante esse período, criou uma série de trabalhos conhecidos como “pinturas cegas”, em que vendava os olhos para si mesma, como parte de experiências que desafiavam as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, enfatizando a sensibilidade e a intuição em sua prática.

Em suas pinturas de meados da década de 1970 até a década de 1980, Ohtake desenvolveu um estilo distinto e inigualável de abstração figurativa. As suas magníficas obras, caracterizadas por formas redondas e orgânicas que preenchem o campo visual, são executadas com sutis gradações de tonalidade e extensões monocromáticas. Com isso, ela transformou o legado do modernismo brasileiro em um dos repertórios mais eloquentes da pintura tardo-moderna das Américas. Foi durante esse período que o trabalho de Ohtake assumiu uma dimensão cósmica, impulsionando sua transição para a escultura e o espaço real.

Ao longo de sua extensa carreira, Tomie Ohtake participou de 20 bienais internacionais - incluindo seis em São Paulo, onde recebeu o Prêmio Itamaraty, além da Bienal de Veneza, Tóquio, Havana e Cuenca, entre outras. Seu portfólio inclui mais de 120 exposições individuais (em São Paulo, outras vinte capitais brasileiras e cidades como Nova York, Washington DC, Miami, Tóquio, Roma e Milão) e cerca de 400 coletivas, no Brasil e no exterior. Recebeu ainda 28 prêmios ao longo de sua vida.

[clique para ver cv completo](#)

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

selected collections

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- Mori Art Museum, Tokyo, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

vik muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

[clique para ver cv completo](#)

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Flora Industrialis*, Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images*, Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion*, Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society*, Museum of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

paulo bruscky

n. 1949, Recife, Brasil

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e trabalhos em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da sua postura crítica e militante, em parte concebida em contestação à ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, durante um período que coincidiu com o início de sua trajetória.

Bruscky iniciou sua pesquisa no campo da arte conceitual nos anos 1960, participando, no final da década, do movimento poema/processo, por meio do qual estabeleceu contato com Robert Rehfeldt, membro do grupo Fluxus. Introduzido por Rehfeldt ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. A partir de então, desenvolveu intenso diálogo com diversos artistas, principalmente os membros dos grupos Fluxus e Gutai, além de vários nomes da América Latina e do Leste Europeu – regiões com as quais o artista procurou privilegiar o contato, devido ao intenso processo de repressão política que os caracterizava na época. Grande parte de sua produção questiona as próprias funções da arte e as operações de seu sistema.

[clique para ver cv completo](#)

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Banco de Ideias*. Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Paulo Bruscky. Eteceterate*, Fundación Luis Seoane, A Coruña, Espanha (2018)
- *Xeroperformance*, Americas Society / Council of the Americas (AS/COA), Nova York, EUA (2017)
- *Paulo Bruscky: Artist Books and Films, 1970–2013*, The Mistake Room, Los Angeles; Another Space, Nova York, EUA (2015)
- *Paulo Bruscky*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2014)
- *Paulo Bruscky: Art is our Last Hope*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2013)
- *Ars brevis*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Ismo, Ismo, Ismo. Cine experimental en América Latina*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2019)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *L'oeil écoute*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Memórias del subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960–1985*, Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru; Museo Jumex, Cidade do México, México (2018)
- 57ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2017)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

cao guimarães

n. 1965, Belo Horizonte, brasil

vive e trabalha em Montevidéu, Uruguai

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente estabelecidas no trânsito entre a película, a partir do uso de Super-8, e o vídeo. Desse modo, sua obra constrói fortes conexões com as artes visuais, sem, contudo, filiar-se de modo determinante a nenhum grupo ou vertente específica. O artista cria, ainda, um inventário de momentos variados e visualmente marcantes da vida cotidiana. Seja capturando a utopia inóspita de Brasília, formigas carregando confetes no fim do carnaval, ou bolhas de sabão flutuando pelos corredores de uma casa vazia, seus trabalhos expandem a ideia e o vocabulário da forma documental através dos meios utilizados.

O artista também trabalha com fotografia, como é o caso da série *Gambiarras*. Sua habilidade de improvisação dá origem a momentos de estranhamento e fascínio capazes de deslocar nosso olhar para objetos e situações comuns, ressignificando-os a partir da exploração da duração e do foco. A prática fotográfica de Guimarães não se distancia muito de sua produção audiovisual. Ambas partem de premissas documentais daquilo que nos parece habitual. Mesmo a ausência de movimento, característica da imagem fotográfica, é compensada pela sequencialidade e justaposição a outras imagens, compondo séries que poderiam ser fragmentos, ou *frames*, de um filme do artista.

Seus filmes foram exibidos em inúmeros festivais, no Brasil e no exterior, tais como Berlin International Film Festival (2014); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007 e 2008), entre outros.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para obra

exposições individuais selecionadas

- *Cao Guimarães - Ciclo de filmes*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), São Paulo, Brasil (2020)
- *Espera*, Instituto Moreira Salles – Paulista (IMS-Paulista), São Paulo, Brasil (2018)
- *Ver é uma fábula*, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), Fortaleza, Brasil (2018); Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2013); Galerie Anita Beckers, Frankfurt am Main, Alemanha (2013)
- *Estética da gambiarra*, Sesc Interlagos (2015), São Paulo, Brasil (2015)
- *Cao Guimarães*, Museu de Arte da Pampulha (MAP), Belo Horizonte, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Arqueologias do presente*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- 7ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea, Espanha (2018)
- *Art and Space*, Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha (2017)
- *Video Art in Latin America*, Il Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- 34º Panorama da Arte Brasileira, Brasil (2015)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Somerset House, Londres, Reino Unido (2012)

coleções selecionadas

- Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art